



Representação feminina e hibridismo: uma análise a partir do videoclipe *Ela disse Adeus*¹

Ana Luisa de Castro Coimbra²
Leonardo Assunção Bião Almeida³
Luiz Fernando Brito⁴
Poliana Ribeiro Alves⁵

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

Resumo: A luta feminina pela igualdade de direitos para emergir numa sociedade tipicamente patriarcal é assunto que ainda hoje desperta interesse. Pensando sobre esse assunto é que o videoclipe *Ela disse adeus* da banda carioca Paralamas do Sucesso é construído. Neste artigo será analisada a representação do feminino no clipe bem como a linguagem escolhida para transmitir a mensagem ao telespectador evidenciando como o videoclipe vem se destacando como um meio híbrido e como, o mesmo, pode ser um espaço importante de resgate, readaptação de estilos e técnicas utilizadas no audiovisual.

Palavras-chave: feminino, videoclipe, hibridismo

Introdução

A imagem da mulher na história do Brasil surgiu a luz de estereótipos, dando-nos a sensação de ser uma pessoa apática e passiva diante da problemática social. Por muito tempo a mulher pôde ser vista como um ser inferior aos homens, tornando-se submissa sexual e materialmente e excluída muitas vezes do espaço público. Baseado nesse rótulo imposto há anos pela sociedade machista, a mulher passou a maior parte de sua história relegada a ter decisões que se restringiam apenas ao seu ambiente doméstico, ou seja, ao seu “lar”.

¹Trabalho apresentado na Sessão Mediações e interfaces comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV da UESC - BA, email: luisacoimbra@hotmail.com.

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV da UESC - BA, email: leonardobiao@gmail.com.

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV da UESC - BA, email: guilan77@hotmail.com.

⁵ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV da UESC - BA, email: polianaba@gmail.com.



Foram muitos anos de submissão à sociedade, que através de lutas e movimentos feministas, elas conseguiram muitas vitórias, tendo seus direitos avaliados e muitas atitudes preconceituosas da sociedade foram mudadas. Significa dizer que, o modo como as mulheres começam a ser representadas na produção audiovisual muito provavelmente reproduz a imagem como as mulheres são vistas e percebidas pela maioria dos que assistem essas produções. Assim, novas maneiras nos modos de ver, pensar e agir da sociedade quanto ao lugar a ser ocupado pela mulher na sociedade certamente irão aparecer representados pela mídia quando for fortalecida o bastante para disputar posições com os pressupostos já legitimados no modo social.

Dentro desse contexto midiático e social a mulher atual tende a estudar mais, ter tempo para se dedicar aos filhos, ao trabalho, ao marido e estar sempre bonita e em forma, como na maioria das vezes é representada. E não muito obstante, quebrando os paradigmas do mundo masculino, muitas engajam na vida política, sendo muito bem sucedidas na sua escolha. Essa é a nova realidade do século XXI, a mulher não é mais vista como um ser submisso à sociedade, mas como dona de sua vida e construtora de sua história.

Uma análise do clipe

O videoclipe “*Ela disse adeus*” tem um caráter peculiar e surpreende ao público demonstrando como o este pode ser um espaço importante de resgate e readaptação de estilos e técnicas utilizadas na história dos audiovisuais. O clipe faz uma releitura das primeiras narrativas cinematográficas: a história da música foi narrada aos moldes de um curta metragem, no estilo “cinema mudo”. Para Ciro Marcondes Filho (1988), “o modo de produção do videoclipe é o mesmo da publicidade, ou seja, segue a matriz de toda produção (da linguagem) da televisão”. (p.75).

O videoclipe na sua origem é um tipo de publicidade, um novo jeito de anunciar determinado grupo ou cantor (ARMES, 1999, p.170), mas poderíamos dizer também que na sua essência é um videoarte. Porém caracterizá-lo só com essas denominações não seria pertinente. Um grande híbrido, assim ele poderia se chamar já que se utiliza da linguagem cinematográfica para dar “corpo” a um produto publicitário, feito com a finalidade de “vender” o trabalho do grupo sendo que o mesmo tem como veículo de comunicação primordial a TV. Para Arlindo Machado (1997):

O vídeo é um sistema híbrido; ele opera com códigos significantes distintos, parte importados do cinema, parte importados do teatro, da literatura, do rádio e, mais modernamente, da computação gráfica, aos quais acrescenta alguns recursos expressivos específicos, alguns modos de formar idéias ou sensações que lhe são exclusivos. (p. 190).

O clipe serve para materializar a música, é outro caminho, para fazer com que a mensagem seja transmitida também através da imagem, isso pode até ajudar no entendimento da música, ou até mesmo criar uma história completamente diferente. Por essa razão específica, não há uma obrigação de se ter regras exatas para que ele seja produzido. Daí o grande caráter híbrido que envolve o videoclipe, que se apropria de todos os outros formatos audiovisuais, e cria algo completamente novo.

Podemos notar no produto em questão que a música acompanha o desenrolar das cenas em *off* e analisando sua mensagem encontramos a justificativa para a adoção da narrativa proposta.

A letra da canção fala de uma mulher que “diz adeus” sem nenhum sinal de amor. No decorrer vai se construindo a imagem de uma mulher soberba, fria e que não demonstra qualquer sinal de amor se não fosse pelo refrão em inglês que diz: “*Agora o ato está feito / Enquanto você piscava, ela se foi / deixa ela seguir com a vida dela / deixa ela ter um pouco de divertimento*”. Eis um ponto importante para análise; os versos do refrão indica que algo aconteceu, “que o ato está feito” e que agora ela tem que ir embora. Pensando nas imagens e na proposta do videoclipe notamos que o refrão é “desvendado” quando vemos a maneira como a mulher em questão era tratada pelos seus pretendentes. O clipe é uma justificativa para essa mulher que não “demonstra nenhum sinal de amor” e a época não poderia ser melhor escolhida, pois remete à década de 20, período marcado pela emancipação feminina e também pelo auge do cinema mudo.

Os sons e a canção dão vida a narrativa sendo que, sem a sua veiculação, o vídeo seria considerado uma espécie de curta-metragem silencioso, onde as imagens se alterariam constantemente na tela. A música nesse caso complementa as imagens, sugerindo uma mulher que deixa de amar uma pessoa e, por esse motivo, a abandona. A narrativa é dividida pelos *inserts* de trechos da música, os intertítulos, que acompanham o ritmo da canção e aparecem próximos, ou exatamente, no momento em que são cantados.

Ela disse adeus, destina-se a caracterizar um estilo diferente na linguagem dos vídeos. Apropriando-se das técnicas do cinema mudo, a caracterização do clipe tem

um estilo que remete a uma mistura da comédia pastelão com os filmes mudos de terror de expressionistas alemães. Para complementar a estética proposta pelos realizadores do vídeo, utiliza-se de características inerentes ao estilo da época referenciada, como o barulho clássico do projetor, intertítulos para complementar as ações dos personagens e a atuação e caracterização caricata dos personagens. Para Dancyger (2003), o mais surpreendente nesse período foi que em apenas 30 anos muitos princípios de montagem foram desenvolvidos. Mas, de início, as câmeras eram posicionadas em um único lugar não tendo muita preocupação em demonstrar a composição da imagem e os sentimentos. Dentro dos filmes dessa época a luz, o movimento de câmera e o seu posicionamento não eram fatores principais com tamanha relevância como se vê hoje. O que mais se destacava era a atuação dos personagens e não as técnicas utilizadas no cinema, ainda devido à grande influência teatral.

O clipe analisado apresenta um ritmo acelerado, derivado dos cortes secos, que são usados em abundância no vídeo e as imagens também foram aceleradas propositalmente para criar uma atmosfera característica da época da qual o vídeo faz referência. O ritmo é responsável pela narrativa da história. Para Dancyger “seja a excitação de um filme de aventura ou a indignação de um thriller policial, o ritmo é a chave. O papel do ritmo varia nos diferentes gêneros, mas sempre aparece em algum grau” (2003, p.381)

No primeiro momento do clipe têm-se a representação de uma típica dona de casa retratando bem a época dos anos 20 onde a sociedade era completamente avessa ao comportamento liberal e independente da mulher. No Brasil do século XIX até início do século XX a mulher ou era vista como uma mulher de classe, preocupada com o lar, com a educação dos filhos e principalmente pronta para satisfazer e agradar os desejos do marido, ou era vista como uma figura promíscua, mais conhecida como prostituta – que faziam de sua sexualidade uma mercadoria. Baseado nesse rótulo imposto a anos pela sociedade machista, a mulher passou a maior parte de sua história relegada a ter decisões que se restringiam apenas ao seu ambiente doméstico, ou seja, ao seu “lar”.

Já num segundo momento podemos observar uma mudança radical no comportamento da personagem. Sua vida toma uma nova trajetória quebrando o determinismo social em que ela vivia. Ela disse adeus a todos os seus medos e aflições para se constituir com um novo ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um olhar mais detalhado no videoclipe “*Ela disse adeus*” nos trouxe algumas reflexões e conclusões. Logo de imediato seria pertinente citar a dificuldade em enquadrar o videoclipe nos moldes e parâmetros que estamos acostumados. Seria mesmo um videoclipe? É cinema? É TV? É teatro? O que seria, então?

Tomamos, então, como base Dubois (2004) para tais questionamentos quando este diz: “Não existe imagem ‘pura’ que se sustente. Foi-se o tempo das especificidades e das demarcações categóricas. É o momento do contrabando, da visão transversal e do pensamento oblíquo. (...) O vídeo realmente é uma questão aberta”. (DUBOIS, p. 177). Eis a “chave” para tantas dúvidas: uma mescla de tudo, um produto verdadeiramente híbrido.

O videoclipe é uma mistura de épocas caracterizando-se como transtemporal, ou seja, imagens promovem uma mescla de tempos distintos, convivendo de uma forma diegética. A transcendência do tempo no videoclipe promove, assim, a inserção de referências distintas de outros meios audiovisuais, anulando uma suposta hierarquia do passado sobre o presente. Com isso, o clipe analisado é um curta metragem, e para ser mais exato um curta aos moldes do cinema mudo da década de 20. A escolha da época e do estilo a se fazer referência não foi feita ao acaso. Os anos 20 retratam um período de transformação no que tange ao contexto social.

Baseado em uma sociedade masculina, as mulheres da época exerciam apenas o papel de dona de casa e mãe e eram privadas de ter uma vida social bem estruturada como os homens tinham. Nesse contexto, o cinema começa a crescer vertiginosamente, encantando e mexendo com a vida de uma platéia ávida por lazer e entretenimento (necessidades que o rádio já supria desde o início da década). O período do cinema mudo provocou profundas alterações na sociedade.

A ideologia machista fazia com que a platéia do cinema, logo no início, fosse em sua maioria formada por homens. Mas aos poucos a mulher começa a ir conquistando o seu espaço, freqüentando os cinemas que eram considerados os grandes centros da elite cultural, que se reunia para promover discussões pertinentes à época e aos filmes. Os anos 20 marcam o início do processo de emancipação da mulher, que vai aos poucos sendo inserida na sociedade e na cultura. Surgem os grandes ícones femininos do cinema que alimentavam essa idéia de independência e equiparação entre os sexos. A



partir daí a mulher vai adquirindo maior liberdade, indo além dos limites do seu lar e ganhando expressão na sociedade. Nesta década também o cinema mudo estava em alta principalmente com os filmes de Charles Chaplin.

Por isso, numa análise mais subjetiva, poderíamos afirmar que o clipe é uma metáfora dessa época. A protagonista representa o “feminino” e os anseios da mulher deste período que começa a questionar os seus direitos e quer se libertar da tirania masculina (aqui representado pelos personagens masculinos). O ato dela “matar” seus pretendentes seria uma alusão a enterrar de vez os tempos passados de opressão e agora a mulher não seria apenas a “dona de casa” cuidadosa e prestativa, mas assumiria seu papel perante a sociedade.

Mas nem por ter essa carga histórica e social, “*Ela disse adeus*” deixa de ser vídeo e passa a ser cinema. Temos que levar em conta a finalidade para qual o produto foi pensado. É clipe porque tem um cunho publicitário e, apesar de fazer uma releitura do cinema mudo seu ritmo é frenético e a alternância de imagens é bem própria da linguagem videocliptica. É clipe porque o intuito é divulgar e vender o trabalho da banda. Apesar de o clipe ter sido filmado em película, o trabalho dos diretores Andrew Waddington, Breno Silveira e Toni Vanzollini não foi feito pensando nas telonas. O meio de propagação era sem dúvida a TV e esse é outro ponto decisivo. Apesar disso, o clipe se apropria da linguagem cinematográfica para contar a história.

Ainda citando Dubois (idem), podemos observar que vídeo e cinema mantêm uma relação de interpenetrações. Cita ele: “não querendo e não podendo se tornar cineclasta, o vídeo torna-se cinefágico” (p. 233). Ou seja, não podendo o vídeo destruir o cinema (daí o caráter “cineclasta”), o vídeo se alimenta do cinema e de outros meios audiovisuais.

Concluimos, pois, que o videoclipe “*Ela disse adeus*” possibilita uma reflexão acerca do videoclipe ao resgatar técnicas utilizadas na história dos audiovisuais agregando novas estéticas. Dessa forma notamos como a linguagem audiovisual se recicla e se recria nela própria proporcionando inovações cada vez mais contundentes para satisfazer um público cada vez mais sedento de novidades.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMES, Roy. *On Video*. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Editora Summus, 1999.

DANCYGER, Ken. **Técnicas de edição para cinema e vídeo: história, teoria e prática**. Tradução de Maria Angélica Marques Coutinho. Rio de Janeiro: editora Elsevier, 2003

DUBOIS, Philippe. **Cinema, vídeo, Godard**. Tradução de Mateus Araújo Silva. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2004.

LEONE, Eduardo. *Reflexões sobre a montagem cinematográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: A vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 1988.

MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas & pós-cinemas*. Campinas: Papyrus, 1997.

VANOYE, Francis. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas, SP: Editora Papyrus, 1994.